

## “NA PRÁTICA, A TEORIA É OUTRA.”: COMPARATIVOS ENTRE O PLANO DE AULA E O CHÃO DA ESCOLA

Gracielle Santos de Santana<sup>1</sup>  
Marciel Clemente dos Santos<sup>2</sup>  
Lincoln Aguiar Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

Pode-se afirmar que a teoria e a prática no ambiente educacional são igualmente importantes na metodologia de ensino e aplicação dos conteúdos. Porém, também é certo dizer que ambas desenvolvem papéis adversários quando os resultados esperados na sua teoria não são obtidos na prática. Ao ingressar no caminho da licenciatura devemos estar abertos para vários desafios, e um desses desafios é compreender a importância do professor e do seu papel como docente nos diferentes níveis de ensino da educação (Freire, 2015). O discente de licenciatura, futuro docente, precisa desenvolver habilidades e tomar conhecimento de alguns assuntos específicos, dentre eles, a elaboração e a aplicação de planos de aula. Para além disso, é necessário saber lidar e entender as mudanças e imprevistos que surgem ao aplicar, na prática, a aula que foi planejada previamente mas que, devido a diversos fatores foram alteradas no momento da execução. Ao analisar nossa trajetória enquanto discentes do curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB e também como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid, no subprojeto Pibid Luar, tivemos a oportunidade de vivenciar de perto como funciona o planejamento e execução dos planos de aula em na sala. Atuamos junto ao Projeto no Colégio da Polícia Militar - CPM Professor Poeta Luís Neves Cotrim, na cidade de Jequié-BA, no ano de 2023 e 2024, onde acompanhamos turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, além de realizarmos oficinas de teatro para os alunos. Diante disso, a presente investigação relaciona quatro planos de aula produzidos e aplicados por nós e por nossos colegas de Lic. em Dança e Teatro para serem analisados e comparados com os planejamentos feitos, assim como com os resultados obtidos e mencionados nos relatórios produzidos ao final do Programa.

**Palavras-chave:** Iniciação à Docência, Plano de Aula, Teoria e Prática.

### INTRODUÇÃO

O ensino de Teatro e Dança na educação básica engloba conteúdos de aulas expositivas e aulas de práticas corporais, e é certo dizer que existe uma dicotomia entre teoria e prática no chão da escola. Durante os dois anos em que atuamos como bolsistas do Pibid-CAPES no Colégio da Polícia Militar - CPM Professor Poeta Luís Neves Cotrim, na cidade de Jequié-BA nos anos de 2023 e 2024, pudemos analisar de perto o cenário educacional e observar que sem os planejamentos prévios não conseguiríamos obter o êxito que a execução nos proporciona, seja ele o esperado ou não. É através do

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista CAPES – Pibid, gracielle.dsantana@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - e-mail: 202010640@uesb.edu.br;

<sup>3</sup> Mestrando pelo Curso de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – BA. Bolsista CAPES – Pibid (Supervisor), linksakai@hotmail.com.

planejamento que podemos compreender o que fazemos, o porquê fazemos, para quem e como fazemos, isso evidencia a importância da elaboração do plano de aula. “O ato de planejar acompanha o homem desde os primórdios da evolução humana” (Castro, 2008, p. 51). Planejar um plano de aula é uma das etapas mais fundamentais para o sucesso de qualquer projeto ou atividade, pois permite antecipar desafios, organizar recursos e estabelecer objetivos claros. De acordo com Piletti (2001), plano de aula é uma sequência de tudo o que vai ser desenvolvido em um dia letivo. É um documento que organiza e descreve as atividades, os objetivos e as estratégias de ensino para uma aula específica, orientando o professor na condução do conteúdo de forma estruturada e eficaz, de acordo com as necessidades e o contexto dos alunos.

A importância do planejamento está na capacidade de orientar ações de forma coordenada e estratégica, ajudando a aperfeiçoar tempo e recursos e a prever possíveis desafios.

Almeida (2018) afirma que:

O planejamento educacional tem sido bastante discutido na formação docente, principalmente por exercer uma significativa importância no processo metodológico que garante o sucesso da reciprocidade de aprendizagens no ambiente escolar. Este processo não é apenas uma ação burocrática e de registro, requer uma ação intencional e flexível visando a ressignificação da prática docente perante a realidade. (Almeida, 2018, p. 640).

Desenvolver um plano de aula estabelece uma ponte essencial entre teoria e prática, pois permite que conceitos pedagógicos sejam transformados em atividades concretas que atendem às necessidades dos alunos e aos objetivos educacionais. Dessa forma, “compreendemos por teoria o conjunto de conhecimentos produzidos por diversas fontes – e reconhecido pela comunidade científica –, que tem como finalidade problematizar e compreender a realidade que nos cerca” (Farias et al, 2022, p. 536).

A prática é um conjunto de conhecimentos e ações habituais, bem estabelecidas em geral, aprendidas, através de costumes, propagando conhecimentos em situações reais, com o objetivo de testar, criticar, refletir, adaptar e verificar o que foi proposto pela teoria (Neto, 2015). “A prática sem teoria é ação espontânea e intuitiva, não podendo realizar plenamente sua ação potente, portanto, não podendo uma corrigir a outra e vice versa” (Farias et al, 2022, p. 537).

Diante disso, o presente artigo busca analisar e refletir sobre as práticas de aula, comparando-as aos planos previamente executados, mais especificamente,

analisaremos essa atuação dentro da disciplina de Artes, na área ao qual estamos em processo de formação. Temos como objetivo contribuir para os estudos e formação de futuros docentes da área de Artes para uma reflexão de sua atuação ao ministrar uma aula ou oficina. Através de entrevistas, análises de plano de aula e observações pudemos considerar que existe um vínculo necessário entre o plano de aula e sua prática, mas que a prática pode ser influenciada por diversos fatores e é preciso que o professor esteja atento à estes fatores para garantir que o processo de ensino-aprendizagem seja realizada.

Viola Spolin (2015), propõe algumas alternativas e métodos que podem ser adotados pelos professores quando forem aplicar a disciplina de Teatro em sala de aula. Ela diz que cada jogo responde à sua maneira. “Quando necessário, os jogos podem ser modificados ou alterados para adaptar-se às limitações de tempo, espaço, deficiências físicas, distúrbios de saúde, medos etc.” (Spolin, 2015, p. 47). Além disso, Spolin também relata sobre a importância da observação da turma e sobre os jogos teatrais quando são propostos, aceitando quando estes não funcionam para que se adote novas metodologias.

## **METODOLOGIA**

Para esta pesquisa foi feita a escolha de uma metodologia de caráter qualitativo, pois toda a construção adotada está voltada para a análise dos aspectos práticos, subjetivos e comportamentais da ação docente dentro da sala de aula. Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos as revisões de literatura, observações, entrevistas e análise de relatórios e planos de aula. Nas entrevistas, realizadas com duas das bolsistas que atuaram junto a nós no Pibid-CAPES, fizemos as seguintes perguntas:

- a) “ Inicialmente, qual era a proposta de vocês no plano de aula, neste dia ?”
- b) “A aula saiu exatamente como foi planejada? O que mudou em comparação ao planejamento?”.

Partindo das respostas obtidas, analisamos, junto aos respectivos planos de aula (um de Teatro e um de Dança), a comparação entre o que foi idealizado para a aula e as práticas realizadas. Além disso, também trazemos dois planos de aula realizados por nós, nos quais relatamos as medidas tomadas ao executar uma oficina de Teatro para a turma do 6º ano do ensino fundamental. Para este artigo, foram concedidos os arquivos de planos de aula dos entrevistados e seus relatórios, auxiliando na análise e

argumentação. A utilização de todo esse material possibilitou estabelecer uma relação com o trabalho docente e seus planejamentos de aula e aulas práticas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos encontros semanais do Pibid - Subprojeto Interdisciplinar (Teatro e Dança) -, realizamos vários experimentos teatrais, apresentações, pesquisas e estudos de conteúdos (antes de adentrarmos à escola) e a cada encontro desenvolveu-se um plano que seria executado no dia seguinte com os alunos. Nestes encontros, estipulava-se toda a construção do plano de aula, incluindo: a sua duração, o dia em que se pretendia executá-la, avaliações, objetivos, conteúdos propostos, além dos materiais necessários para a realização da atividade. Abaixo, apresentamos o demonstrativo I de um plano de aula elaborado por licenciandas em Teatro que atuaram na mesma escola e subprojeto:

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia		Departamento de Ciências Humanas e Letras	
Curso: PIBID	LJAR Artes		
Supervisor:	Lincoln Aguiar		
Artista-docente	Fernanda Silva Souza e Laêna Souza Leite		
Data	22/03/2024	Carga Horária	45 min por aula
Escola	Colégio da Polícia Militar Professor Luis Neves Cotrim (CPM)		
Série/nível	3º C		
Coordenadora	Maria de Souza		

<b>PLANO DE AULA Nº 01:</b>	
<b>TEMA: TEATRO DAS SOMBRAS</b>	
<b>Objetivos de aprendizagem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Geral:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Exemplificar como desenvolver uma pesquisa em Artes Cênicas</li> </ul> </li> <li>• <b>Específico:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Compartilhar a Pesquisa "criação de canas a partir de memórias afetivas em o Bosque"</li> <li>○ Demonstrar as fases da pesquisa dentro do processo de criação de "O Bosque"</li> <li>○ Estimular a criatividade com criação de uma Árvore Genealógica</li> </ul> </li> </ul>
<b>Conteúdos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Árvore genealógica</li> <li>• Fases do processo criativo em "o Bosque"</li> </ul>

<b>Desenvolvimento metodológico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicar como fazer a própria Árvore genealógica</li> <li>• Produção das Árvores Genealógica</li> <li>• Exposição da Árvore Genealógica de "O Bosque"</li> <li>• Explicação das fases da pesquisa "criação de canas a partir de memórias afetivas em o Bosque"</li> </ul>
<b>Recursos pedagógicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaço da sala</li> <li>• Folha de ofício</li> <li>• Lápis</li> <li>• Objetos utilizados em "O Bosque"</li> </ul>

IMAGEM I : Recorte de plano de aula

De posse da análise e relatos feitos pelas elaboradoras do plano de aula destacado acima (Imagem 1), foram propostas as seguintes perguntas à uma das bolsistas responsáveis:

<p><b>Pergunta 1: Inicialmente, qual era a proposta de vocês no plano de aula, neste dia ?</b></p>	<p><b>Bolsista (A)- R:</b> “O intuito era de ser dividida em duas etapas: A primeira, seria a confecção de uma árvore genealógica com formas e significados pessoais, realizadas pelos próprios alunos. Estas “árvores genealógicas”, inicialmente, deveriam ser feitas com base referencial na minha explicação sobre a pesquisa acadêmica que desenvolvi em um processo de laboratório de pesquisa na faculdade.</p> <p>Já na segunda etapa, os alunos apresentariam esses desenhos explicando os detalhes e a estética adotada nas árvores e então, só depois das exposições dos desenhos já feitos eu iria apresentar o meu desenho da árvore genealógica da minha família, a que eu criei. O meu objetivo inicial era de evitar influenciar os alunos na sua criatividade e originalidade, a fim de incentivá-los à pesquisa e à confiança das suas próprias criações.”</p>
<p><b>Pergunta 2: A aula saiu exatamente como foi planejada? O que mudou em comparação ao planejamento?</b></p>	<p><b>Bolsista (A)- R:</b> “Não, na prática eu tive que adotar outras medidas, pois, ao iniciar a explicação do assunto percebi que os alunos estavam bastante dispersos, eu tentava falar, mas com as conversas paralelas e com as dúvidas a respeito da atividade dificultou um pouco o processo. Como percebi que o tempo de aula já estava curto, decidi mostrar o meu desenho da árvore genealógica primeiro e ao mesmo tempo ir fazendo a explicação da atividade enquanto eles confeccionavam os desenhos. Nesse caso, houve a influência do meu desenho em comparação com o deles, mas foi a alternativa que encontrei para finalizar a aula.”</p>

Ao analisar este primeiro exemplo podemos observar alguns pontos importantes adotados pela bolsista Pibid. Primeiramente, a elaboração de um planejamento através do plano de aula, que é de suma importância para um professor conseguir alcançar seus objetivos de ensino.

Qualquer atividade para ter sucesso precisa ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados. A educação escolar necessita evidentemente de um planejamento muito sério. Não se pode improvisar a educação, seja ela qual for o seu nível. (Schmitz, 2000, p.101 Apud. Arns; Castro; Tucunduva. 2008, p. 08)

Percebe-se, também, que ela delimitou estratégias de aprendizagem para que seus alunos conseguissem realizar as atividades propostas sem sofrer influências de algo já pronto. A ideia inicial, como mencionado, era que eles fossem provocados a pensar e desenvolver a atividade de forma criativa e original. Outro ponto importante de se observar é a avaliação diagnóstica feita em relação à turma, com relação à disponibilidade e disposição para a explicação da atividade. Entendemos que há vários fatores que podem influenciar no processo de conhecimento e no comportamento dos alunos em sala de aula e buscar fazer essa “análise” é função do professor, o que requer uma atenção cuidadosa, pois seus objetivos podem ser perdidos pela falta da didática correta e assimilação ativa vinda dos alunos.

A análise proposta pela bolsista demonstrou alunos dispersos, com pouca compreensão da atividade e conversas paralelas, com isso, como forma de chamar a atenção dos alunos, a docente mostrou seu próprio trabalho visual (cartaz grande, pintado, com o desenho de uma árvore genealógica), fazendo com que os alunos mostrassem mais interesse e entendimento para desenvolver a atividade. Por fim, também podemos salientar o pouco tempo de aula disposto para a disciplina de Artes na Educação Básica. Não pretendemos discutir esta temática no artigo, porém é um fato a ser considerado diante da realidade da educação nas escolas, além disso, talvez tenha sido um fator que influenciou a adoção do “plano B” no exemplo acima.

Na segunda análise, trazemos o plano de aula de uma oficina de dança para o Projeto Estruturante - DANCE<sup>4</sup> 2023, ministrada por bolsistas Pibid do curso de Licenciatura em Dança:

---

<sup>4</sup> Projeto desenvolvido pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, sendo um de vários outros projetos que compõem os Projetos Estruturantes. O Dance Estudantil tem como objetivo a valorização da dança nas escolas estaduais, que vêm tentando promover, através da dança, a criatividade na experiência coreográfica.

OFICINA DE DANÇA

COLEGIO DA POLÍCIA MILITAR

PROF. SUPERVISOR: Lincoln Aguiar

BOLSISTAS: Hellen Lopes, Rosângela Souza e Vanessa Braga



DATA:	ATIVIDADES:	RECURSOS MATERIAIS:
10/08	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Alongamentos e Aquecimentos;</li> <li>2. Jogo com a bola;</li> <li>3. Dinâmica em dupla de seguir o movimento da mão do outro;</li> <li>4. Jogo de criação coreográfica a partir de sua história (com os olhos fechados);</li> <li>5. Ciranda com o que bom, que tal</li> </ol>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caixa de Som</li> </ul>
OBS.:	Elaboração e definição das cenas para o DANCE através das vivências de hoje e de temas propostos.	

IMAGEM II: Recorte do plano de aula.

Em entrevista com uma das professoras, foram sugeridas as mesmas perguntas:

<p><b>Pergunta 1: Inicialmente, qual era a proposta de vocês no plano de aula, neste dia ?</b></p>	<p><b>Estagiária-docente (B)- R:</b> “ A proposta inicial da gente, no plano de aula deste neste dia, era cumprir todas as dinâmicas que a gente tinha feito, o que a gente tinha idealizado era para ser uma dinâmica de conhecimento do pessoal. A gente contava com um grupo maior de pessoas no dia, mas acabou sendo só três alunas e acabou que a gente teve que ir para um outro percurso porque a dinâmicas que a gente desenvolveu não estavam conseguindo ter a “entregar” delas, na verdade algumas elas nem se interessavam para fazer realmente.”</p>
<p><b>Pergunta 2: A aula saiu exatamente como foi planejada? O que mudou em comparação ao planejamento?</b></p>	<p><b>Estagiária-docente (B)- R:</b> Algumas coisas mudaram no planejamento. Nesse dia, acabou indo para um “plano B” que foi bom, mas ao mesmo tempo foi “desastroso”. Pois, a gente não sabia o que poderíamos acrescentar, o que a gente podia modificar e qual caminho seria melhor para percorrer e desenvolver um encontro que fosse mais agradável, digamos assim. Com o plano B, conseguimos perceber qual era o ritmo que as meninas trabalhavam, qual conhecimento que elas tinham sobre a dança e como o corpo delas fluem na dança. Não conseguimos ter uma alta percepção de vez sobre elas, mas a gente teve meio que um pontapé inicial como a</p>

gente poderia desenvolver e proporcionar melhores encontros para elas.

Muitas vezes, ao fazer o planejamento de uma aula, pensamos na média de tempo relacionada com a quantidade de pessoas, isso nos ajuda a definir nossos objetivos e escolha dos jogos. Porém, algumas vezes nos deparamos com a defasagem de pessoas para participar das oficinas e temos que adaptar alguns jogos, pois, com uma quantidade pequena de pessoas, os exercícios tendem a ficar mais monótonos depois de um tempo. Isso força a atividade a avançar para o próximo jogo ou etapa mais rapidamente, a fim de não perder a energia do grupo. Por isso, é importante possuir um repertório grande de jogos e exercícios para auxiliar o professor durante a aplicação de uma aula. “Prepare mais jogos do que o tempo permite em cada oficina. Escolha jogos com os quais se sente mais à vontade que vão ao encontro das necessidades vitalícias da sua sala de aula.” (Spolin, 2015, p. 49). Outra questão que conseguimos observar neste relatório, é quanto o diagnóstico da turma é necessário para saber quais os próximos passos que o professor ou professora deve adotar em suas aulas.

Ainda no chão da escola, tivemos a oportunidade de desenvolver oficinas de Teatro com os alunos e alunas do 6º ano do ensino fundamental, com foco na participação dos Projetos Estruturantes FESTE<sup>5</sup> 2023. No exemplo III, temos um planejamento realizado no terceiro dia de oficina, ministrado por nós e mais uma colega bolsista:

03/08/ 2023	Continuação dos Jogos	<p>1º Alongamento + aquecimento Corpo e voz ( Nanda)  2º andança pela sala, olhos nos olhos , vamos pedir que andem solo/dupla/trio/quarteto/ para trás/ lateral ( nós 3)  3º cantar a música inexistente, existente... em diferentes tons + quem é você? ( Marciel)  4º jogar o xique-xique. (Grah)</p> <p>Intervalo</p> <p>5º transformação de objetos; a primeira pessoa vai transformar o objeto e contar uma história referente ao objetivo, em seguida, esse objetivo vai ser passado pra outra pessoa, e a próxima pessoa tem que continuar com a história e ressignifica o objeto com uma nova história e assim continuamente. (Nanda)  6º fiscalização. ( Marciel)  7º Shape ( Grah)  Roda de conversa  Pedir para que eles tragam uma ideia na próxima aula e um objeto.</p>
----------------	-----------------------	--

IMAGEM III : Recorte do planejamento de aula.

<sup>5</sup> Projeto desenvolvido pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, sendo um de vários outros projetos que compõem os Projetos Estruturantes. O Festival Estudantil de Teatro (FESTE), é uma experiência de natureza artístico-educativa que mobiliza os estudantes para as experiências criativas, produções teatrais com diferentes manifestações culturais e valoriza a produção teatral no âmbito das escolas da rede pública.



Chegamos na sala aula com os assuntos programados dentro do tempo estabelecido e ao iniciarmos percebemos que alguns fatores interferiam na sequência do nosso cronograma. Observamos que alguns alunos estavam entusiasmados e outros nem tanto, alguns chegaram atrasados e até mesmo a infraestrutura do ambiente influenciou durante a execução da atividade. Seguindo a metodologia, começamos com alguns alongamentos corporais e um aquecimento. Ao finalizarmos essa etapa, partimos para o jogo da “andança” pelo espaço. Porém, neste momento os alunos se mostraram ainda um pouco indispostos para realizar a atividade, por ser uma aula de prática no início da manhã. Dessa forma, mudamos a ordem das atividades e direcionamos alguns jogos de estímulo baseado no próprio cronograma, aplicando o jogo do “Zip - Zap- Boing”, cuja dinâmica consiste em que todos fiquem de pé, em círculo, e deve-se passar um movimento junto com um som para alguém da roda. Para passar o movimento (uma palma aberta) para os lados, o aluno deve dizer: “Zip”, e para passar movimento para frente (uma palma aberta) , o aluno deve dizer: “Zap” e para devolver movimento para a pessoa que te mandou o aluno deve rebolar com o quadril, como se fosse bambolê e dizer: “Bóing”. Essa dinâmica requer atenção, concentração e muita agilidade. Depois, demos seguimento a aula fazendo o “Jogo do Shape” que é muito parecido com o anterior, onde todos ficam em um círculo, e o primeiro jogador passa um objeto comum, porém com um tipo de emoção (alegria, choro, raiva...) que deve ser sustentado durante todo o jogo. Esse jogo tem como objetivo crescer a emoção o máximo possível, até chegar no último jogador, e os outros jogadores tem que segurar a energia até o jogo finalizar. Utilizamos essa dinâmica como uma preparação de ator e de cena fazendo comparativos de como atuar requer a sustentação do personagem e a importância do apoio do coletivo no palco. O jogo “xique - xique” foi uma das dinâmicas finais realizadas, ele é baseado numa música do cantor Tom Zé, que tem o mesmo nome do jogo. Escolhemos três alunos para serem os “Caciques” e outros três para serem “Solistas”. O primeiro “Cacique” dança individualmente ao som da música com um tempo de dez segundos enquanto os outros ficam abaixados, observando. Ao finalizar o tempo, os jogadores se levantam e repetem os mesmos movimentos do “Cacique 1”, e assim se repete com os outros dois. Depois, é a vez dos “Solistas”, porém estes dançam individualmente e ninguém repete o movimento. A dinâmica permanece até a música acabar. Após as dinâmicas de concentração e agilidade, pudemos realizar a proposta da “andança” e por conta do horário, percebemos que não conseguiríamos fazer o restante do que foi planejado, então partimos para a finalização.

Como parte final da oficina, propôs-se uma roda de conversa com os alunos e alunas para ter um retorno da aula e saber o que tinha funcionado e o que nem tanto. A roda consistia na dinâmica do “Que bom.../ Que tal...”, funcionando da seguinte forma: O aluno(a) diz primeiramente o que foi bom, o que gostou e o que funcionou durante a aula e depois traz sugestões do que pode melhorar, o que não entendeu ou o que não gostou. As rodas de conversa, para percepção do todo, são algo muito característico nas aulas de Teatro, e funcionam não somente para saber o ponto de vista do discente, mas também, é através delas que conseguimos fazer um diagnóstico mais preciso sobre o que foi planejado e o que foi realizado na aula, “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente na prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 2022, p. 17). A análise fica mais orgânica com o diálogo, contribuindo para as percepções do que desenvolver nas atividades futuras com determinada turma e ter consciência de saber analisar onde nos equivocamos a fim de não repetir muitos erros, pois este é um exercício precioso e indispensável para o docente.

No último exemplo trazemos o plano de aula IV, aplicada dentro da sala de aula:

<p><b>I. Plano de Aula:</b>          Data: 14/03/2024          Carga horária: 50min</p>
<p><b>II. Dados de Identificação:</b>          Colégio Estadual da Polícia Militar – CPM Professor Poeta Luís Neves Cotrim          Professor (a): Linconl Aguiar Santos          Estagiário (a): Gracielle Santos de Santana &amp; Marciel Clemente dos Santos          Curso: Licenciatura em teatro          Disciplina: arte          Subprojeto: Pibid</p>
<p><b>III. Tema:</b>          - A caixa preta de poesias.</p>
<p><b>Nome da aula:</b> Formas e palavras.</p>
<p><b>IV. Objetivos:</b>          - Apresentar o plano de aula;          - Discutir sobre formas tridimensionais;          - Analisar o conceito de arte concreta.</p>
<p><b>V. Conteúdo:</b>          - Poesia concreta;          - A tridimensionalidade nas artes visuais.</p>
<p><b>VI. Método:</b>          - A disciplina será ministrada a partir de aulas expositivas e de discussões sobre textos teóricos, para o processo de criação, podendo também incluir a realização de uma exposição de trabalhos, realizada pelos alunos.</p>
<p><b>VII. Recursos didáticos:</b> Uma sala ampla com o mínimo de cadeiras, textos, tesuras, caixas de papelão, cola branca, figuras para colagem, lápis de cor e etc.</p>
<p><b>VIII. Avaliação:</b> Participação e criatividade.</p>
<p><b>XIX. Bibliografia:</b> Arte por toda parte: 9º ano. ensino fundamental: anos finais/ Solange dos Santos Utuari Ferrari...[et al.]. – 1. ed. – São Paulo: FTD, 2022.</p>

IMAGEM IV: Recorte do plano de aula.

Para aplicarmos esta aula, previamente produzimos um material visual para demonstração e orientação da atividade. Esta produção tratava-se de uma caixa poética, para os estudos com poesia concreta. Após a exposição, utilizamos o livro didático da escola para auxiliar na explicação. Esta aula tinha um intuito mais teórico e expositivo,

pois seria a primeira etapa. Já na segunda etapa, os alunos produziram suas próprias caixas usando a criatividade. Na prática, nos deparamos com alguns alunos que não tinham levado os materiais solicitados para a atividade, então nós, junto ao professor supervisor, começamos a juntar os materiais de outros grupos que tinham levado itens a mais e dividir com os demais. Além disso, visitamos cada grupo para auxiliar com alternativas do que poderia ser feito nas condições que possuímos, devido a falta de todos os materiais. Nosso intuito era o de não perder o dia de aula, e poder dar o pontapé inicial para motivar os alunos a finalizar a atividade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Levando-se em consideração os aspectos mencionados, com as análises, podemos concluir que é necessário desenvolver um plano de aula funcional, organizado com as atividades propostas para adequação da turma, levando em consideração o tempo de cada atividade, o espaço, intervalos, os corpos dispostos (e os indispostos também), atrasos e mais ainda os imprevistos que poderão ocorrer ao executar a aula e ainda, compreender a normalidade deste fato. Esta é uma habilidade crucial para qualquer educador, por isso é fundamental traçar algumas estratégias para tornar o planejamento mais flexível, tendo um plano de contingência em mente, podendo incluir atividades alternativas ou estratégias de ensino diferentes do habitual, se for necessário. Saber reconhecer o perfil e estrutura dos alunos, permitindo o diálogo entre eles de forma horizontal, Freire (2022) diz que :

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. ( Freire, 2022, p.50)

A teoria e a prática são dois instrumentos inseparáveis na educação de qualquer área e apesar de apresentarem papéis adversários em muitos casos, jamais devem ser colocadas como total rivais, pois não há prática sem o planejamento. Estar no chão da escola é algo único e deve ser levado em consideração todo aprendizado levado anteriormente a ele, assim como o entendimento da dinâmica escolar para que se tenha

uma educação voltada para o ser humano, para a aprendizagem, para o coletivo e para as individualidades de cada um. É preciso estar atento às mudanças não planejadas, às disposições presentes, ao entendimento, ao espaço e permitir assim o diálogo e os processos colaborativos de forma horizontal com os alunos, a fim de se ter na prática o “sucesso” almejado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Giseliane.; FRANÇA, Maria. **Importância do planejamento para transformação da prática docente: estudo de caso realizado em uma escola municipal De Paulo Afonso -Bahia.** Revista Científica da FASETE, p. 640, 2018.2.

CASTRO, Patricia Aparecida Penkal; TUCUNDUVA, Cristiane Costa; ARNS, Elaine Mandelli. **A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente.** athena: Revista científica de educação, curitiba, v. 10, ed. 10, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Paz e Terra. 1996. – (Coleção Leitura).

FARIAS, Danielle.; NETO, José. **A RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: concepções de estudantes e egressos de um curso de licenciatura.** Revista Formação em Movimento v.4, i.1, n.8, p. 531-558, 2022.

NETO, Alfredo. V. **Anotações sobre as relações entre teoria e prática.** Educ. foco, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 113-140, 2015.

PILETTI, Cláudio. **Didática geral.** 23a ed. São Paulo: Editora Ática, p. 73, 2001.

ROSENBAUM, Luciane Santos. **“Na prática, a teoria é outra: os resultados das pesquisas e sua influência nas salas de aula.”** Publicado em 07 de outubro de 2014. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/36/na-prtica-a-teoria-outra-os-resultad-os-das-pesquisas-e-sua-influncia-nas-salas-de-aula>

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na Sala de Aula.** São Paulo: Perspectiva, 2015. Tópico “A Oficina de Jogos Teatrais” (p. 39-51).